

Discussão de Temas

UERJ 2005 – QUAL A MELHOR FASE DA VIDA, E QUAL A MAIS DIFÍCIL DE SER VIVIDA?

SEM RÓTULOS

Antes dos dezoito anos, todos cobiçam alcançar essa idade, com a doce ilusão de toda liberdade conquistada com a maioridade. Depois dos quarenta, o discurso mais ouvido é sobre a saudade que a juventude deixou. Com os poetas românticos altamente saudosistas, descobrimos uma tendência do ser humano de olhar para o passado como se fosse melhor do que o presente, e depositar no futuro todas as esperanças para uma vida melhor. Poucos percebem, porém, que ao desvalorizar o momento atual em detrimento de uma idolatria ou idealização de outra época qualquer se está, na verdade, perdendo tempo produtivo de vida. Cabe analisarmos os fatores, principalmente externos, responsáveis por tal fato.

Primeiramente, é importante perceber a evidente contradição existente na atualidade. Vivemos em uma sociedade extremamente hedonista, que preza o prazer imediato a qualquer custo, vide o envolvimento de jovens com drogas, por exemplo, o que prova que há uma sede por aproveitar o momento ao máximo, mesmo que este nunca seja suficiente. Porém, esse valor árcade do Carpe Diem vai de encontro com uma violência cada vez maior nas grandes cidades, o que serve de argumento para aqueles mais velhos, que costumam lembrar como nas suas juventudes tudo era mais fácil e mais seguro, logo, aproveitavam mais. Aliado a isso, as grandes revoluções tecnológicas e na medicina diariamente prometem e cumprem verdadeiros milagres, criando uma grande expectativa de um futuro melhor. Percebe-se, assim, que as pessoas nunca estão satisfeitas com o momento presente.

Além disso, cabe concedermos à mídia seu papel em tal problemática. Percebemos que os meios de comunicação em massa costumam dar um valor exacerbado à juventude, glorificando esta como a melhor fase da vida. Vende-se a ideia de que, quando jovem, somos mais capazes, saudáveis, bonitos e podemos revolucionar o mundo. Consequentemente, as pessoas acabam pensando que esse é o melhor momento da existência humana, e dão ênfase somente à juventude, como se a infância fosse apenas uma fase antecedente que deve logo terminar, e a velhice, a decadência da vida. Poucos percebem que cada etapa possui sua importância e beleza individuais.

Não se pode esquecer, ainda, que vivemos em uma sociedade capitalista, que confere a posses e status a maior importância possível. Em busca sempre da maximização dos lucros, há uma necessidade enraizada e latente de rotular tudo e todos. A partir disso, temos o que é pior ou melhor, mais bonito e mais feio, mais válido ou menos válido, e isso vai desde objetos e posses materiais, até o que é mais subjetivo e por vezes etéreo, como caráter, dignidade e, logicamente, fases da vida. Assim, passamos mais tempo tentando definir a melhor delas, enumerando as qualidades e defeitos de cada uma, do que, de fato, tentando aproveitá-las.

Dessa forma, nada mais justo afirmar que a humanidade, especialmente no contexto vigente, está deixando a vida escorrer em suas mãos sem perceber. O ser humano tende a não refletir sobre o seu presente, valorizando o passado e idealizando o futuro. Porém, seria ignorante e ineficaz comparar a inocência de Narizinho, o crescimento de Capitu e o conhecimento de dona Benta. Melhor do que isso é viver o agora, para que se possa olhar para o futuro com expectativa

e, ao contemplar o passado, não haja remorso ou vontade de retorno, e sim a saudade de uma fase boa. De todas elas.

UERJ 2008 – OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DEVEM SOFRER ALGUMA FORMA DE CONTROLE, OU TODO CONTROLE REPRESENTA UMA CENSURA INDEVIDA?

DE OLHOS BEM ABERTOS

No panorama contemporâneo, muito se tem discutido sobre o papel que devem exercer os meios de comunicação nas sociedades atuais. Países, como o Brasil, que já sofreram com governos ditatoriais, entendem as feridas que o processo de censura traz, não só para os artistas e jornalistas, que se calam, mas para a própria população, que se vê tolhida de direitos básicos. É certo, no entanto, que os meios massificados podem apelar para banalização e vulgaridade para atender aos interesses do capital. Por isso, uma discussão sobre censura e liberdade de expressão se faz mais do que necessária.

Em primeiro, lugar, é vital entendermos que os meios de comunicação já são, de alguma maneira, controlados. A imparcialidade jornalística é um mito utópico, uma vez que já é necessário algum tipo de parcialidade para escolher o que veicular nos jornais impressos e na televisão, por exemplo. Considerando que essas estruturas comunicacionais, massificadas como as conhecemos, atendem a interesses individuais de seus proprietários, é coerente afirmar que fatores como o lucro advindo da venda de exemplares, ou do ibope recebido, são determinantes para tais escolhas. Logo, pensar em liberdade completa, imparcial e incondicional é uma visão ingênua e míope.

Entretanto, devemos evitar qualquer tipo de teoria conspiratória radical, como gostam de defender aqueles que pregam que os meios de comunicação moldam de maneira radical e decisiva as mentes de seus consumidores. Já foi comprovado que assuntos como violência e sexo atraem a atenção das pessoas. Dessa forma, produtos com esses conteúdos são expostos na imprensa de maneira exaustiva, banalizando-os. Para isso, existem organizações não-governamentais que acompanham seus passos sem regulá-la, e colocam a disposição da população todas as suas pesquisas e conclusões, evitando alguma possível censura governamental, mas valorizando o bem da sociedade.

Por fim, é válido fincarmos essa discussão na contemporaneidade, uma vez que os meios de comunicação, nos dias de hoje, são completamente diferentes daqueles de poucos anos atrás. Na atualidade, a internet exerce um poder imenso na parcela mundial que a utiliza, e a credibilidade que os blogs individuais receberam nos últimos tempos afirma o cidadão como ser ativo no processo da informação, atuando como receptor e produtor. Essa falta de restrições faz com que alguns conteúdos sejam equivocados, ou até apelem para a espetacularização e o crime. Cabe, no entanto, ao próprio indivíduo discernir sobre o que deve ou não consumir. Ele tem livre arbítrio e capacidade de raciocínio, e não precisa de uma censura instituída.

Dessa forma, podemos perceber que a censura não é uma opção plausível e aceitável de controle dos meios de comunicação, pois ela fere as liberdades individuais e de imprensa, o que vai contra o próprio conceito de democracia. Se faz necessário, contudo, um forte processo de educação da população com relação ao que deve apreender e consumir nesses meios. As escolas possuem papel fundamental, ao educar crianças e jovens sobre o equilíbrio entre informação adequada e entretenimento proveitoso. Além dela, os pais também devem, em casa,

instruir seus filhos de maneira correta. Devemos valorizar e prezar as liberdades de opinião e de escolha, nas suas mais variadas formas.

UERJ 2009 – NECESSIDADE DE QUE TODOS COMPREENDAM PERSPECTIVAS DIFERENTES DAS SUAS PRÓPRIAS PARA SE CONVIVER MELHOR.

ILUSÃO DE ÓTICA

A aceitação das diferenças, através da história mundial, nunca foi algo fácil. Guerras foram realizadas com o intuito não só de dominar terras, mas de exterminar raças e etnias consideradas inferiores. Argumentos em defesa desses atos poderiam vestir-se de ignorância e falta de conhecimento, porém, hoje, não há mais essa desculpa. Na sociedade pós moderna, os meios de comunicação de massa têm o poder de difundir as mais diferentes perspectivas, ajudando a harmonizar a convivência entre os homens. Entretanto, é preciso cuidado para não nos rendermos a uma visão utópica e ilusória, pois a intolerância ainda é um grande problema a ser resolvido, em todo o mundo.

Se faz necessário, primeiramente, evidenciar como essa convivência harmônica é dificultada pela profunda desigualdade social existente. Em um mundo dividido em ricos e pobres, desenvolvidos e subdesenvolvidos, onde se rotulam etnias, crenças e culturas como se fossem fatores determinantes por eles mesmos, nichos são formados e perpetuados. Além disso, a noção de Ocidente difundida pela mídia, que explora os hábitos, costumes e modos de vida considerados normais, nos torna míopes, e passamos a ver o outro, o diferente, o integrante do outro nicho que não o nosso, como estranho, aquele a ser repellido. A ilusão da coexistência dá lugar a simples existência imposta do outro.

Entretanto, é certo afirmar que as noções físicas de tempo e espaço são restritas. Não é possível que um indivíduo contemple de forma presente e ativa todos os acontecimentos relevantes em seu país e no mundo. Por isso, muitos defendem que realidade pós moderna é o melhor momento possível para aprendermos a conviver com as diferenças, pois os meios de comunicação de massa promovem a difusão dessas informações. As redes globalizadas, como a internet, fazem com que aprendamos sobre as mais diversas culturas, e precisamos disso para nossa formação crítica, uma vez que a percepção individual é limitada.

Os defensores dessa utopia, no entanto, não levam em consideração alguns dados importantes. A internet tem, sim, a capacidade de difundir informações. Porém, apenas uma parcela pequena da população mundial tem acesso a esta, o que mostra que ela precisaria ser muito mais disseminada e explorada para que surtisse esse efeito em todos. Além disso, o individualismo contemporâneo, fruto de uma realidade capitalista e de um mercado de trabalho altamente competitivo, no qual cada um pensa mais no crescimento pessoal do que nas necessidades do outro, alimenta a intolerância. Assim, muitas pessoas, ao invés de se interessarem e abraçarem as diferentes perspectivas, rumo a uma melhor convivência, procuram excluir o outro, optando pela mesma miopia que as impossibilita de enxergar o que está longe delas.

Logo, precisamos enxergar esse círculo vicioso, e abandonar a ilusão de ótica que nos faz acreditar que a convivência entre os homens está facilitada, quase harmônica, pelo simples fato de as diferenças serem, hoje, mais difundidas. É necessário que compreendamos as diferentes perspectivas para que a convivência humana seja mais tolerante e pacífica. Para isso, é preciso que os meios globalizados de informação alcancem cada vez mais pessoas, o que pode ser feito

por meio de incentivos governamentais e ações humanitárias, como ONGs. Nenhuma verdade é absoluta, nenhuma cultura é melhor ou pior, e o conhecimento do outro é tão vital que ele pode não só maximizar a aceitação e melhorar a convivência, mas também enriquecer as mais particulares perspectivas, completando-as.

UERJ 2010 – CULTURA DE TRANSGRESSÃO DAS LEIS NO BRASIL.

MILITÂNCIA EDUCACIONAL

Na sociedade brasileira contemporânea, assuntos como corrupção e constante transgressão das leis já se tornaram comuns. Tal situação é alarmante, pois o próprio cidadão brasileiro já enxerga esse fato como um dado cultural, como se fosse normal burlar as normas. Assim, perpetua-se a mediocridade política e crítica de uma nação que gosta de se enxergar como o país do futuro, mas não percebe que, se não resolver questões problemáticas do passado, nunca alcançará esse amanhã glorioso. É preciso, antes de mais nada, discutirmos as origens dessa vergonhosa cultura de violação das regras para que, então, seja possível combatê-la.

Em primeiro lugar, é possível dizer que um dos principais fatores que permitem a perpetuação da transgressão das leis, no Brasil, é a cultura da impunidade. Casos graves de corrupção, desvio de verbas e tráfico de influências no governo federal estampam constantemente as capas de revistas e jornais. Na maioria das vezes, nada é feito para punir os criminosos. Assim, de alguma forma, as pessoas sabem que o Estado, além de permeável a corrupções, é ineficiente, e há quase a certeza de que nada irá acontecer ao infrator. É importante, ainda, mencionar que tal fato não se restringe somente aos políticos, pois o cidadão comum, que paga uma propina ao guarda de trânsito para este não multá-lo por estacionar em lugar proibido está, da mesma maneira, perpetuando a violação das leis e a idéia de que, no que diz respeito à justiça, nada funciona neste país.

É preciso, ainda, que o brasileiro abandone esse complexo de inferioridade que costuma acompanhá-lo, e enxergue que a transgressão das leis existe em quaisquer sociedades nas quais as necessidades individuais entrem em conflito com os interesses coletivos. A maior diferença é que, no Brasil, existe o agravante histórico e cultural. Nossas leis não refletem, necessariamente, os interesses de toda a população, pois são elaboradas pelas elites detentoras de poder. Isso é perceptível, principalmente, se considerarmos a grave desigualdade social existente, que aprofunda ainda mais esse abismo entre as diferentes classes, dificultando que todas essas díspares necessidades sejam atendidas. Assim, ao longo dos anos, as pessoas foram aprendendo a burlar as regras e normas que não as representavam, ou que nem mesmo entendiam, dado nosso déficit educacional.

Tendo em vista essa questão, é possível perceber que o grande problema é, justamente, a educação – ou a falta desta – no Brasil. É muito fácil culpar somente os políticos corruptos por esse vergonhoso desrespeito as nossas leis, como se a população fosse o espelho deles, e não o contrário. Embora generalizações sejam perigosas, é necessário enxergarmos que os governantes são eleitos por uma massa populacional que, por ignorância ou conveniência, perpetua essa situação, pois em troca de favores e promessas superficiais colocam os interesses individuais acima dos coletivos. Educação de base eficiente ajudaria na formação crítica dessas pessoas, que se tornariam mais conscientes do poder do voto, e menos suscetíveis a transgredir as leis.

Dessa forma, se faz vital um fortalecimento do sistema educacional brasileiro, com ensino de qualidade e inclusão de matérias sobre política já no ensino fundamental nas escolas, para que as crianças compreendam que possuem um dever cívico desde cedo, e cresçam aprofundando cada vez mais essa noção. A própria população precisa levantar a voz e lutar por essa melhoria. Além disso, os pais também devem incentivar a formação crítica de seus filhos, ensinando que, se o indivíduo considera uma lei injusta, o mais correto a se fazer é tomar uma posição política contra ela, lutando pública e pacificamente, e não simplesmente ignorá-la. Só assim, deixaremos de ser um país historicamente corrupto, mas uma nação justa e honrada, que entende seus direitos, e luta por eles.

Tema: A importância do amor no mundo contemporâneo

À procura de lucidez

Basta estar vivo para conhecer clichês sobre o amor, mesmo sem tê-lo sentido. Até os mais dignos poetas se deixam levar pelo lugar-comum das maravilhas e paradoxos desse nobre sentimento. De Camões a Drummond, de Shakespeare a Vinícius, o amor tem povoado textos que, se não têm valor literário, pelo menos ajudam jovens pouco inspirados a conquistar belas moças. Nesse contexto de tamanha unanimidade, seria ousado discordar. Mas o risco talvez valha a pena.

Na maioria das vezes, atribui-se ao amor um papel subversivo em um mundo marcado pelo materialismo. Diante das exigências do capitalismo, que impõe aos indivíduos uma rotina apagada de trabalho e sofrimento, a paixão seria um contraponto decisivo. Na base dessa idéia, encontra-se uma premissa equivocada: a de que o prazer não pode advir da rotina, do trabalho e da produção. Basta, porém, conversar com pessoas bem-sucedidas em suas profissões para descobrir que sua relação com as tarefas diárias é bastante positiva. Nesse caso, paixão e trabalho não se excluem; pelo contrário, ajudam-se. Assim, o amor só constituiria um refúgio para aqueles que são frustrados nos outros campos da vida.

Na origem dessa percepção equivocada, encontra-se outra falsa oposição. Trata-se do antagonismo entre sentimento e racionalidade, segundo o qual o aquele é mais importante que esta. A quem sustenta essa visão, vale lembrar o pensador italiano Antonio Gramsci, para quem o amor também demanda inteligência. De fato, o estabelecimento de relações sentimentais saudáveis deve ser feito com base em sensatez e reflexão. Sem essas qualidades, um namoro ou casamento tende a se dissolver nos exageros típicos da irracionalidade. Não é sem motivo que a palavra paixão tem a mesma raiz etimológica que patologia: ambas remontam à idéia de doença.

Nesse sentido, não será demais afirmar que o amor excessivo pode ser absolutamente prejudicial. Indivíduos improdutivos, relações improdutivas, sociedade improdutiva. Eis as consequências do exagero sentimental. Em seu lugar, um pouco de comedimento ajudaria a tornar as pessoas mais equilibradas. Desse modo, em vez de gritos, mortes e suicídios, pode afluir uma harmonia serena, na medida em que a maturidade amorosa costuma ser muito mais profunda e duradoura que os desejos momentâneos. Quem discordar dessa perspectiva e quiser citar poetas e filósofos deve se lembrar do seguinte: ao escreverem seus textos sobre o amor, eles possivelmente estavam cegos. De paixão.